

**JAPÃO PASSADO, PRESENTE E FUTURO: DENTRE O “ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA” E O
“HORIZONTE DE EXPECTATIVA”**

Marina de Jesus Amaral Spíndola¹

Resumo: Este artigo tem como função discutir parte do contexto japonês no pós-guerra, a partir das noções do historiador Reinhart Koselleck sobre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Sendo assim, serão levadas em consideração diferentes leituras existentes sobre os motivos que levaram a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, conseqüentemente, ao seu desfecho para o Japão. Averiguando as tomadas de atitude de inúmeros membros da máquina governamental japonesa como agressões a seus antigos inimigos, procuraremos demonstrar como essas atitudes são resultados de revisões históricas e negacionismos sobre a guerra, e sobre a posição imperialista do Japão enquanto a Ásia.

Palavras-chave: Japão; Segunda Guerra Mundial; Nacionalismo.

**JAPAN PAST, PRESENT AND FUTURE: AMONG THE “SPACE OF EXPERIENCE” AND THE
“HORIZON OF EXPECTATION”**

Resume: This article aims to discuss part of the Japanese context in the post-war period, based on historian Reinhart Koselleck's notions of “space of experience” and “horizon of expectation”. Therefore, different existing readings will be taken into account on the reasons that led to the Second World War (1939-1945) and consequently to its outcome for Japan. Investigating the actions taken by countless members of the Japanese governmental machine as aggressions against its former enemies, we will try to demonstrate how these attitudes are the result of historical reviews and denials about the war, and about the imperialist position of Japan as Asia.

Key words: Japan; Second World War; Nationalism.

Introdução

Após 1945, o mundo começou a enfrentar mudanças drásticas, que, grosso modo, são vistas como a aliança de países anteriormente considerados neutros, a ideologias de mundo como o socialismo e capitalismo. Essa transformação ganhou mais força com o final da Segunda Guerra Mundial,

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Mestranda em História pelo Programa de pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (PPG/UNIFESP) (<http://lattes.cnpq.br/1625843616212456>). E-mail: marinaspindolahistoria@gmail.com.

quando inúmeros países, arrasados pelo conflito, puderam se tornar solo fértil aos ideais socialistas, caros e perigosos aos territórios Aliados.

O Japão, bombardeado em 1945 pelos estadunidenses, se tornou um desses casos, já que declinou consideravelmente em seu crescimento, após anos demonstrando seu imperialismo sobre a Ásia. Com o término da guerra, as tropas pararam suas investidas e o Japão foi obrigado a devolver as possessões adquiridas, aceitando a derrota e o fim do conflito. Consequentemente, para que não se tornasse um país socialista, o Japão passou a ser ocupado pelo general norte-americano Douglas MacArthur (1880-1964), que intentou tornar o Japão democrático, longe das mazelas do militarismo anterior a 1945. Para tanto, o general promoveu mudanças estruturais dentro do arquipélago, que buscou destituir a importância da religião e da família tradicional de dentro do Estado, alterando os ideais políticos e culturais presentes dentro da política nipônica.

Porém, ao mesmo tempo que os ocupantes promoveram essas mudanças, precisaram lidar com pequenas resistências japonesas dentro da máquina pública. Isso porque, se fizessem grandes transformações, instaurariam mudanças demasiadamente radicais, que, por não serem compreendidas, seriam refutadas. Portanto, a fim de manter a boa relação com os novos aliados japoneses e o bom funcionamento da máquina pública, os estadunidenses apenas reformaram alguns órgãos ligados a educação, censura e religião, mantendo dentro dessas instituições, membros e representantes do antigo estado beligerante japonês.

Perceptivelmente, os mesmos nipônicos que instauraram o clima de expansão imperialista de guerra, tiveram que aceitar sua derrota, sendo auxiliados e ocupados por seus inimigos estadunidenses. Esta resolução retificou que os japoneses não poderiam promover respostas totalmente negativas sobre a perda no conflito e principalmente sobre a ocupação, que feriu a sua moral cultural e social anteriormente construída. Porém, o que efetivamente se instaurou no Japão do pós-guerra foi uma reforma que

elevou os anseios japoneses, contribuindo para com práticas políticas opressoras aos seus antigos inimigos de guerra, como é o caso da China e da Coreia. Esses movimentos, que serão timidamente analisados neste artigo, geram, ainda na contemporaneidade, desconfortos entre os civis, demonstrando as rugas e feridas ocasionadas pelo conflito passado.

Procuraremos, portanto, entender com este estudo, como uma parcela tradicionalista e militarista japonesa, parte das forças públicas, não aceitaram a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. E que resumem as investidas do Japão e ataques no conflito, a contra-ataques a países que buscavam suprimir o crescimento japonês durante o século XX. Ferramentados por este revisionismo histórico, uma parcela conservadora nipônica busca, constantemente, sublimar os crimes de guerra cometidos pelos japoneses, a fim de retomar o Japão anterior à 1945, visto como um país grandioso e altamente competitivo com as forças ocidentais. Assim, promovendo negacionismos e reinterpretações históricas descabidas, esses setores acabam por continuar com medidas xenofóbicas na geopolítica e nas relações exteriores, promovendo atitudes ultranacionalistas, direitistas, extremamente daninhos para os países afetados durante a Segunda Guerra Mundial.

Para nos ajudar a construir essa relação entre presente, passado e futuro, nos utilizaremos do historiador Reinhart Koselleck, em sua obra *Futuro Passado Contribuição à semântica dos tempos históricos*, especialmente suas proposições sobre o “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Expressamos, com a escolha deste texto, a finalidade de compreendermos como os japoneses, já em 1945, entendiam seu passado próximo no presente do desfecho bélico, projetando possíveis respostas para o futuro. Ademais, buscaremos comparar esta bibliografia com a obra *Researching Japanese War Crimes*, que apresenta trechos de fontes primárias do período do expansionismo, para averiguar parte dos crimes cometidos pelo Japão, em contraponto aos atuais discursos nacionalistas nipônicos.

Japão passado e presente: interpretações sobre o imperialismo nipônico

O diário de Hosaka Akira, médico do 3º Batalhão de infantaria, do 20º Regimento e da 16ª Divisão do exército expedicionário em Shanghai, foi enviado pelo próprio Hosaka ao Coronel Alva C. Carpenter, para a investigação das atrocidades e crimes de guerra causados por japoneses na China. Na obra *Researching Japanese War Crimes Records Introductory Essays*, o autor Danqing Yang, relata que:

O tribunal de crimes de Guerra de Tóquio investigou as atrocidades cometidas pelo exército japonês no Estupro de Nanking. A SCAP despachou o Coronel Carpenter para a China para colher evidências. O diário de Hosaka aparentemente não estava incluído nas evidências de acusação. Apesar de ser uma referência sobre a maior atrocidade cometida contra a civilização Chinesa uma semana antes da Batalha de Nanquim e da vizinhança geral, oficialmente o Estupro de Nanquim começou no dia 13 de dezembro, no dia em que a cidade caiu e foram espacial e imediatamente confinados a cidade de Nanquim e a vizinhança ao redor.²

Como Hosaka havia arrancado uma das páginas de seu diário por conta das avaliações dos censores japoneses, a reescreveu quando da necessidade do Tribunal de Tóquio em averiguar os crimes de guerra. A página arrancada e reescrita se referia ao dia 29 de novembro de 1937, que afirma:

As 10 horas do dia 29 de novembro de 1937 nós partimos para a esquerda para limpar os inimigos em Chang Chou e ao meio dia nós entramos na cidade. A ordem que recebemos era a de matar os residentes e oitenta (80) deles, homens e mulheres de todas as idades, nós atiramos para matar [até entardecer]. Eu espero que essa seja a

² *The Tokyo War Crimes Tribunal investigated atrocities committed by the Japanese Army in the Rape of Nanking. SCAP dispatched Col. Carpenter to China to gather evidence. Hosaka's diary was apparently not included in the evidence for the prosecution. Despite his reference to a major atrocity against Chinese civilians a week before the battle of Nanjing and in the general vicinity, officially the Rape of Nanking began on December 13th, the day the city fell, and was spatially confined to Nanjing and its immediate vicinity (Tradução nossa). Ver: YANG, Daqing. Diary of a Japanese Army Medical Doctor, 1937. In: DREA, Edward et al. *Researching Japanese War Crimes Records Introductory Essays*. Washington: National Archives and Records Administration for the Nazi War Crimes and Japanese Imperial Government Records Interagency Working Group, 2006, p. IX.*

Última vez que eu seja testemunha de uma cena como essas. As pessoas todas estavam em um único lugar. Todas elas rezando, chorando e pedindo por ajuda. Eu não pude continuar assistindo aquele espetáculo lamentável. Logo as máquinas de armas pesadas abriram fogo e a visão daquelas pessoas gritando e caindo ao chão é uma cena que não poderia ver nem se tivesse o coração de um monstro. A guerra é realmente terrível.³

Embora a tentativa de Hosaka, testemunha ocular dos eventos citados acima, de creditar o Massacre de Nanquim à massacres anteriores à civis e demais cidades, oficialmente o episódio ficou marcado como uma ação iniciada especificamente no dia 13 de dezembro de 1937, dias após seu relato. Oficialmente, os Aliados encarregados do Tribunal de Tóquio em 1948 julgaram os crimes contra Nanquim como ato isolado, o que ofuscou as demais ações tomadas pelas tropas japonesas enquanto aos seus inimigos chineses.

O jornalista Honda Katsuichi, durante a década de 1980, resgatou as ações japonesas durante a Segunda Guerra Mundial, apontando para as atrocidades cometidas em demais territórios. Segundo seus estudos, seguidos por entrevistas a cidadãos chineses do Baixo Yangtze, os nativos teriam passado historicamente despercebidos pela história oficial japonesa, quando esta abarcava diferentes memórias e relatos sobre as supressões nipônicas, que não incluíam as destruições no local. A aparição do diário de Hosaka corroborou para que, durante 1988, fosse publicado o diário de Makihara Nobuo e de outros veteranos de guerra. Nobuo, um jovem de vinte e dois anos

³ *At 10:00 on 29 November 1937 we left to clean out the enemy in Chang Chou and at noon we entered the town. An order was received to kill the residents and eighty (80) of them, men and women of all ages, were shot to death [at dusk]. I hope this will be the last time I'll ever witness such a scene. The people were all gathered in one place. They were all praying, crying, and begging for help. I just couldn't bear watching such a pitiful spectacle. Soon the heavy machine guns opened fire and the sight of those people screaming and falling to the ground is one I could not face even if I had had the heart of a monster. War is truly terrible. [Allied Translator and Interpreter Section translation.] (Tradução nossa). Ver: YANG, Daqing. *Diary of a Japanese Army Medical Doctor, 1937*. In: DREA, Edward et al. *Researching Japanese War Crimes Records Introductory Essays*. Washington: National Archives and Records Administration for the Nazi War Crimes and Japanese Imperial Government Records Interagency Working Group, 2006, p. x.*

e pertencente a classe privada do 3º Pelotão de Metralhadora do 20º Regimento de infantaria, da 16ª Divisão, registrou:

Partimos da vila às 9:00 da manhã. Várias unidades competiram para entrar na cidade. A unidade de Tanque também começou. Em contraste com ontem, aqui não existem traços de inimigo até então. Entrando na cidade com magnificência, passando por templos impressionantes (embora existam muitos templos na China)...Por causa de Wu Jing que é uma força antijaponesa, nós realizamos uma atividade de “limpeza” [sōtō] operações por todas as cidades, matando todos os homens e mulheres sem nenhuma distinção. Os inimigos não são vistos em lugar algum, até por causa que eles perderam a vontade de lutar após a sua defesa na linha de Wu Xi que foi violada, ou eles estão segurando fortemente suas posições mais à frente. Há tempos que não via uma cidade tão impressionante como esta.⁴

Utilizando seu diário como ferramenta de registros, Nobuo revela outras missões em solo chinês que se desdobraram para a morte de civis de toda a sorte, em busca do “verdadeiro inimigo”. Segundo os relatos de todos os veteranos acima, é notório que o inimigo chinês se apresentava de forma ampla, sem distinção. Sem face declarada, e sem conduta que o demonstrasse como infausto, o inimigo deveria ser derrotado, segundo a ordenação dos comandantes e superiores.

Mesmo diante das alegações de autores japoneses e seus descendentes descontentes em outros países, assim como dos relatos das vítimas e de seus familiares sobre as sucessões de crimes de guerra cometidos pelo Japão no estrangeiro, os autores Koichi Mera, Sadao Imamori e Yasuo Inoue em seu livro *A verdade sobre a Guerra do Pacífico Por que o Japão*

⁴ *Depart from the village at 9:00 a.m. Various units compete to enter the town. The tank unit also starts. In contrast with yesterday, there are no traces of the enemy at all. Enter the town magnificently, passing an impressive temple (even though there are many temples in China)... Because Wu Jing is an anti-Japanese stronghold, we carry out “mopping up” [sōtō] operations in the entire town, killing all men and women without distinction. The enemy is nowhere to be seen, either because they have lost the will to fight after their defense line at Wu Xi was breached or they are holding strong positions further ahead. So far I haven't seen a town so impressive as this one... (Tradução nossa.)* Ver: YANG, Daqing. *Diary of a Japanese Army Medical Doctor, 1937*. In: DREA, Edward et al. *Researching Japanese War Crimes Records Introductory Essays*. Washington: National Archives and Records Administration for the Nazi War Crimes and Japanese Imperial Government Records Interagency Working Group, 2006, p. X.

lutou contra os Estados Unidos, procuraram averiguar “seguramente” quais os verdadeiros fatores que levaram os japoneses à Guerra. Segundo Inoue, o caso chinês foi julgado erroneamente, pois

Para agravar, o Instituto das Relações do Pacífico (IRP), “think tank” referência mundial em questões do Oceano Pacífico, decidiu publicar a série de “relatórios de investigação” de teor crítico à “agressão” do Japão à China que, por um lado, exerceu profunda influência sobre a formulação da política diplomática das nações européias, e por outro, contribuiu segundo dizem para a definição da estrutura política norte-americana no Japão.⁵

Segundo este viés, a acusação do imperialismo sobre a China foi um plano estadunidense para a posterior ocupação do Japão. Inoue transfere a culpa dos crimes cometidos pelos japoneses para os Aliados, de forma a parecer que toda a guerra em que o Japão participou tinha um destino traçado. Para os autores, os desdobramentos do pós-guerra como o Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente (1946 a 1948), a acusação de Hideki Tojo, assim como a seleção de promotores não neutros no conflito para o julgamento, fizeram com que o Japão passasse a ser acusado injustamente quando em um estado de guerra.

Todos os réus do Julgamento de Tóquio foram acusados de crime de planejamento e execução de conspiração, mas difícil é compreender o que vem a ser “conspiração” à luz da legislação internacional. O advogado Kenzo Takayanagi argumentou que “Se uma guerra for considerada agressão ou transgressora de tratados, então todos aqueles que se serviram de seu país nessa guerra terão de se responsabilizar por crimes de morte ou outros hediondos praticados saiba-se quando, onde e por quem”. Esta é a conclusão quando se dá a conspiração um sentido abrangente.⁶

⁵ INOUE, Yasuo. Uma Conspiração forçou o Japão para a Guerra. In: MERA, Koichi; IMAMORI, Sadado; INOUE, Yasuo. *A Verdade sobre a Guerra do Pacífico: Por que o Japão lutou contra os Estados Unidos*. São Paulo: Editora Jornalística União Nikkey LTDA, 2015, p.137.

⁶ INOUE, Yasuo. Uma Conspiração forçou o Japão para a Guerra. In: MERA, Koichi; IMAMORI, Sadado; INOUE, Yasuo. *A Verdade sobre a Guerra do Pacífico: Por que o Japão lutou contra os Estados Unidos*. São Paulo: Editora Jornalística União Nikkey LTDA, 2015, p. 51.

Ademais, refletindo sobre o Japão ter se demonstrado um Estado Agressor, Inoue coloca que:

Gostaria aqui de reexaminar o Japão quanto à possibilidade de enquadramento como Estado Agressor. Para que um Estado seja assim enquadrado, haveria a necessidade se conceituar com toda a clareza o que se entende por agressão. Entretanto, "agressão" não foi definida durante a Segunda Guerra Mundial. As Nações Unidas aprovaram em Assembléia Geral o conceito de agressão somente em 1974. Ou seja, esse conceito não havia sido definido à época da abertura para o Tribunal Militar, e nem mesmo pelo Pacto de Paris.⁷

Sendo um conceito considerado *post-facto*, o Estado de Agressão não seria legítimo para a acusação dos réus no Tribunal de Tóquio. A legislação posterior, forjada por forças não neutras durante a Segunda Guerra Mundial, levaram o Japão a suposta condenação e ocupação estadunidense. Propondo possibilidades de análise para o conflito e para os seus resultados posteriores, autores como Sadao Imamori, Yasuo Inoue e Koichi Mera buscaram dirimir a ofensiva japonesa, sustentando as "reais" intenções ocidentais. Verificando uma luta incessante japonesa contra os males do Ocidente, estes autores acrescentam aos seus estudos a abertura dos portos japoneses com a chegada do Comodoro C. Perry e a Restauração Meiji (1868-1912), como um desenrolar de Tratados Desiguais e de submissões dos japoneses enquanto aos ocidentais.

Propondo a reinterpretação dos fatos do final do século XIX e do início do século XX, estes autores percebem os movimentos nipônicos em direção a Ásia como necessidade, já que era necessária a criação de um bloco asiático contra as forças estrangeiras, ocidentais. Para legitimar o imperialismo japonês sobre países como a China e Coréia, as justificativas se apresentam a partir da negação de um espírito nacionalista em ambos os territórios. Por este viés, incapazes de pensarem a si mesmos como sujeitos nacionais, e, portanto, sua

⁷ INOUE, Yasuo. Uma Conspiração forçou o Japão para a Guerra. In: MERA, Koichi; IMAMORI, Sadao; INOUE, Yasuo. *A Verdade sobre a Guerra do Pacífico: Por que o Japão lutou contra os Estados Unidos*. São Paulo: Editora Jornalística União Nikkey LTDA, 2015, p. 55

própria defesa, chineses e coreanos passaram a ser vistos como agentes de disputas de poderes entre o socialismo soviético e o capitalismo estadunidense.

Porém, sobre o nacionalismo coreano, ressalta-se que anteriormente a 1919 e ao movimento Primeiro de Março⁸, os coreanos já pensavam em propostas contra o expansionismo japonês e ocidental:

Assim, parece claro que os três pensadores herdaram a tradição do nacionalismo coreano que floresceu no pensamento Silhak e mais tarde floresceu no esclarecimento patriótico. Nós também descobrimos que essa tradição buscou a integridade nacional e o modernismo simultaneamente. Eles estavam simplesmente mais preocupados com um princípio igualitário. Essa tendência pode refletir ainda mais o cenário histórico em evolução da nação após o dia 1º de março: o surgimento do comunismo, a degradação da desigualdade social sob o domínio imperial japonês e o despertar da consciência popular na vida social e econômica da nação, etc.⁹

Avaliando as produções de inúmeros setores e agentes, e seus devidos posicionamentos, é possível de se perceber que uma parcela da sociedade japonesa, assim como seus estudiosos, proporcionou diversas leituras sobre os conflitos com o Ocidente e Ásia, assim como sobre o desfecho na Segunda Guerra Mundial.

A proposta deste artigo tem como medida discutir como parte dessas leituras se apresentam como projetos de futuro no exato pós-guerra. Se não almejam ser projetos nacionais ou de reflexão sobre um possível nacionalismo posterior ao conflito, demonstram os ensejos e novas interpretações enquanto aos posicionamentos do Japão geopoliticamente.

⁸ O movimento Primeiro de março foi um dos primeiros movimentos de resistência coreana contra a ocupação japonesa. Ver: Encyclopaedia Britannica. March First Movement. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/March-First-Movement>. Acesso em: 07/08/2019.

⁹ *Thus it seems clear that the three thinkers inherited the tradition of Korean nationalism which budded in Silhak thought and later blossomed into the patriotic enlightenment. We also find that this tradition had sought national integrity and modernism simultaneously. They were simply more preoccupied with an egalitarian principle. This tendency may further reflect the evolving historical setting of the nation after the March 1st: the emergence of Communism, aggravating social inequality under the Japanese imperial rule, and awakening popular consciousness in the political, social, and economic life in the nation, etc.* Ver: KI-PYOK, C. Political Thought behind Korean Nationalism. *Korea Journal*, n. 4, 1976, p.18.

A tentativa de uma análise sobre a derrota na Guerra e dos crimes cometidos pelas tropas japonesas, elevam, além de um sentido negacionista, uma tentativa de ludibriar os acontecimentos a fim de ressaltar a considerada “realidade dos fatos japoneses” e a sua intenção messiânica sobre seus vizinhos.

As propostas de leitura sobre o conflito na contemporaneidade, são fontes aos historiadores, que demonstram as falhas na resolução da pugna e a sua total incompreensão. Se por um lado a derrota e a ocupação representaram a submissão e humilhação japonesa com as bombas de Hiroshima e Nagasaki, por outro lado, encobriu o Japão de pagar por seus crimes de guerra, já que os nipônicos passaram a ser colaboradores das forças Aliadas. O não pagamento pelos crimes de forma satisfatória e a mudança do *status* japonês de inimigo a aliado durante a Guerra Fria, demonstram, na atualidade, leituras extremamente equivocadas sobre a guerra e que põe em xeque as relações do Japão para com o restante da Ásia.

Dentre o espaço de experiência e horizonte de expectativa

“Deixe a água levar o passado”, diz um provérbio japonês. Trata-se de uma recomendação: esqueça logo uma polêmica que ficou para trás, ou seja, não fique remoendo um erro. Agir dessa maneira em relação às atividades realizadas no presente é mais vantajoso para um indivíduo ou para um grupo. Por um lado, significa que nenhum deles necessita assumir responsabilidades pelas ações do passado.¹⁰

Em sua obra *Futuro e Passado, Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*, o historiador alemão do pós-guerra, Reinhart Koselleck, procura discutir como as temporalidades se sobrepõem, passando por processos transformativos, como é o caso do mundo antigo e moderno. Por meio da história dos conceitos, Koselleck nos permite averiguar como os homens

¹⁰ KATO, Shuichi. *Tempo e espaço na cultura japonesa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p.15.

imaginaram o mundo em diferentes contextos históricos, o representando através de terminologias analisáveis.

Durante o capítulo 14 de seu livro, denominado “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: *duas categorias históricas*, Koselleck tenta discernir como cada sociedade lida com a percepção de seu próprio passado e futuro. Por esta perspectiva, durante as relações cotidianas dos homens com seu meio cultural e social, Koselleck percebe que o passado se faz presente, consciente ou inconscientemente na mentalidade dos sujeitos, gerando, ao mesmo tempo, um ideal de futuro.

Embora a dificuldade em se exprimir o que se pretende com “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, Koselleck afirma que:

[...] “experiência” e “expectativa” não passam de categorias formais: elas não permitem deduzir aquilo de que se teve experiência e aquilo que se espera. A abordagem formal que tenta decodificar a história com essas expressões polarizadas só pode pretender delinear e estabelecer as condições das histórias possíveis, não as histórias mesmas. Em outras palavras: *todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem* (Grifo nosso).¹¹

Mediante a essas interpretações sobre as categorias “experiência” e “expectativa”, é notório que ambas mostram a reflexão dos homens sobre o seu próprio tempo: suas relações com o passado e projeções para o futuro. Ademais, tais categorias são indissociáveis em si, à medida que, os homens, ao lidarem com a temporalidade, demonstram seus processos interpretativos sobre períodos anteriores, ao mesmo tempo que revelam anseios do tempo presente, em relação ao futuro.

[...] da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada a pessoa e ao interpessoal, [e] se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas

¹¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 306.

também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.¹²

As narrativas oficiais sobre o passado, advinda dos Estados nacionais, podem revelar muitos eixos de compreensão sobre a história, assim como suas excrescências para a posteridade.

Sem prejuízo do chiste político, também aqui se pode mostrar que o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que o que foi experimentado no passado. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma. (...) O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder de torna-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas.¹³

Em nosso caso, a elevação da derrota do Japão em 1945 foi crucial, à medida que o “espaço de experiência” trouxe uma série de sucessões malogrosas, como as bombas nucleares, a ocupação estadunidense e a democratização. O Estado de antiga e elevada moral foi obrigado a sofrer as consequências do Julgamento de Tóquio, que considerou os soldados do Império como criminosos guerra, soterrando a sua integridade. Ademais, àqueles que acreditavam estar lutando em prol da superioridade étnica e cultural dos japoneses durante a Segunda Guerra, foram arrasados, primeiro com a derrota, segundo com a ocupação, que tratou de arruinar seus anseios e interpretações de mundo. Esses golpes, segundo nossas análises, foram fatais para os japoneses tradicionalistas, que ainda na atualidade, não conseguiram superar a suposta submissão do Japão aos estadunidenses, mesmo que esta medida também tenha gerado soluções econômicas agradáveis aos nipônicos.

¹² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 310.

¹³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p. 312.

Assim, o difícil espaço de experiência que o pós-guerra formou, foi concomitantemente o forjador de seu horizonte de expectativas, quando finalmente os japoneses teceram revisionismos e negacionismos, a fim de escrever a “verdadeira história do Japão”, remida de seus males e seus malogros. Essa história “revisitada” é geradora de uma consciência nacionalista que tem o passado como ponto de partida.

Para entender essas proposições e a complexidade das revisões históricas feitas por estes pesquisadores japoneses e membros do Estado, é necessária a reflexão de que o Japão se desenvolveu como uma nação industrial, econômica e política ao final do século XIX e início do século XX, alcançando posições desconhecidas para os países asiáticos que foram invadidos por potências Ocidentais. O desenvolvimento nipônico, aliado a um ultranacionalismo expansionista, elevou a moral militar e imperial a lutar em favor da Esfera de Coprosperidade da Ásia Oriental. A Guerra dos Quinze anos (1931-1945) foi resultado do Japão guerreiro, assim como o ataque a *Pearl Harbor* (1941), que foi lido como um ataque contra as sanções estadunidenses, graças às conquistas nipônicas.

Gradualmente, o Japão como potência foi levado ao esfacelamento, o que chegou ao ápice com os lançamentos das bombas de Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto de 1945. Como desfecho, o pronunciamento do imperador Hirohito em 15 de agosto, foi a demonstração de mais uma submissão japonesa enquanto ao estrangeiro. A seguinte ocupação estadunidense (1945-1952), responsável por destituir todos os preceitos considerados expansionistas da ilha, descaracterizou aspectos lidos como tradicionais, imaginados como essenciais ao povo japonês. Descontentes com a derrota e com a ocupação, os japoneses almejavam reinterpretar a guerra, levando em consideração a sua própria perspectiva de submissão em retrospecto, para a projeção de um horizonte de expectativas novamente nacionalista.

As relações com o passado e as leituras desordenadas que vieram deste, posteriormente, são vistas em casos como:

O caso Kajiyama teve dois precedentes relativamente próximos, em 1986 e 1988, com igual repercussão internacional. Em setembro de 1986, o então Primeiro-Ministro Nakasone Yasujiro (1918-) disse, em reunião de seu partido, que o Japão se transformou em uma sociedade muito mais educada que a americana, quando se compara o nível intelectual. Tal realidade estaria relacionada com o fato de o Japão ser um país "homogêneo" enquanto que nos Estados Unidos há negros, porto-riquenhos e mexicanos. Dois anos depois, Watanabe Michio (1923-1995), importante liderança do PLD que esteve à frente de vários ministérios, deu a entender que os negros norte-americanos seriam descuidados em saldar dívidas. Em ambos os casos, uma chuva de protestos forçou a apresentação de desculpas perante a sociedade norte-americana e, em particular, as minorias prejudicadas.¹⁴

Neste processo, tornam-se evidentes os seguintes aspectos: 1) a necessidade das autoridades japonesas em se demonstrarem páreas ou superiores ao Ocidente e ao seu antigo ocupador estadunidense; 2) a consideração sobre a suposta superioridade étnica, advinda de uma 'homogeneidade' racial, cultural e moral; 3) a necessidade das autoridades japonesas de distinguir o Japão das demais nações, graças a sua imparidade advinda de condições históricas desenvolvimentistas e; 4) a negação de uma pluriétnicidade e multiculturalismo japonês, em conflito até a contemporaneidade. Ressaltados esses aspectos, podemos verificar a necessidade dos membros do Estado japonês em afirmar a supremacia nipônica enquanto ao estrangeiro, negando suas relações históricas com a cultura e a sociedade chinesa e coreana.

Esse tipo de incidente revela o provincianismo de algumas das principais lideranças políticas japonesas e a resistência que certos setores do país tem em conviver com a diversidade social. Por trás dessas atitudes, há uma crença bastante difundida sobre a qual o Japão seria uma nação etnicamente homogênea (*tan'itsu minzoku*

¹⁴ PEREIRA, R P.; SUZUKI, T. (Orgs.). *O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa*. 3ª Edição. Campinas: Pontes, 2014, p.147.

kokka). tal crença esbarra no fato inegável da resistência de minorias étnicas e sociais tanto na origem do povo japonês quanto na base da pirâmide social do Japão contemporâneo.¹⁵

A negação dos crimes de guerra, aliada uma seleção conscienciosa das documentações produzidas por contemporâneos ao conflito, assim como uma releitura dos motivos que desencadearam o Japão a se unir às Potências do Eixo, fazem com que a história do Japão ganhe novas colorações, a partir da derrota total após Hiroshima e Nagasaki. Partindo deste espaço de experiência, as gerações derrotadas procuraram reavaliar à guerra, construindo projeções para o futuro, demonstrando continuidades com o passado expansionista, à medida que negava os excessos cometidos no estrangeiro.

Projetando a partida das Forças Aliadas da ilha, os japoneses consideraram discursos sobre as relações do Japão para consigo historicamente e para com o mundo, apresentando uma nova face tecnológica no estrangeiro, conquistando mercados internacionais. Porém, internamente, a não resolução dos conflitos e a ausência de uma verdadeira redenção com seus vizinhos escorraçados, demonstram a supressão das minorias, assim como a continuação da promoção de discursos xenófobos e discriminatórios.

A expressão “Wareware nihonjin”. (Nós japoneses...) serve como uma tábua rasa para camuflar a existência dessas minorias e ditar como um japonês deve se comportar, pensar, sentir etc. No entanto, essa fórmula, que diz muito da cultura nipônica, serve, sobretudo, para expressar a forte barreira que os japoneses sentem em relação ao estrangeiro, ao diferente.¹⁶

Ademais, é necessário citar as celeumas ocorrentes no tempo presente, frutos das más resoluções entre os países inimigos durante a Segunda Guerra

¹⁵ PEREIRA, R P.; SUZUKI, T. (orgs). *O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa*. 3ª Edição. Campinas: Pontes, 2014, p.147.

¹⁶ PEREIRA, R P.; SUZUKI, T. (orgs). *O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa*. 3ª Edição. Campinas: Pontes, 2014, p.160.

Mundial. O caso japonês elevado por John Dower na obra *Crimes de Guerra culpa e negação no século XX*, no capítulo “Tendência a não ser amado”¹⁷, revela inúmeras tentativas dos dirigentes e escritores japoneses em se fazerem amados socialmente, tendo em vista os esforços que os participantes da Segunda Guerra tiveram para lutar por um ideal nacional.¹⁸

Na contemporaneidade, a questão das mulheres de conforto¹⁹ e dos trabalhadores coreanos escravizados²⁰ pelo Japão são frutos de discussão. Enquanto a Coreia do Sul tenta trabalhar em medidas para a retratação histórica com as famílias dos maculados e vitimizados, o Japão se nega a aceitar as propostas coreanas, alegando que inúmeros outros tratados já sanaram a questão. Os entraves entre Coreia do Sul e Japão, atualmente, chegaram ao ponto de o Japão retirar a Coreia do Sul da lista de seus parceiros comerciais.

A disputa começou após as decisões da Suprema Corte da Coreia do Sul no ano passado de que as empresas japonesas deveriam compensar as vítimas do trabalho forçado. O Japão protestou veementemente contra as decisões, argumentando que todas as questões de reparação decorrentes de seu governo colonial da Coreia, de 1910-1945, foram resolvidas sob um acordo de 1965 que normalizou as relações bilaterais (Tradução nossa).²¹

¹⁷ DOWER, John W. *Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War II*. Nova Iorque: W.W. Norton & Co. 1999.

¹⁸ Um dos casos mais intrigantes foi do autor Yukio Mishima que cometeu auto sacrifício em trajes oficiais para acusar o Estado japonês com a corrupção possibilitada pelo pós-guerra. Ver CIPRIANO, Rita. *Yukio Mishima, o escritor que sonhou com a morte*. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/yukio-mishima-o-escritor-que-sonhou-com-a-morte/>.

¹⁹ As mulheres de conforto foram as vítimas abusadas e prostituídas pelos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Os casos das mulheres de conforto são agravantes na contemporaneidade sobre as relações Japão-Coreia. Ver: HE-MYOUNG, J. *Japan's removal of 'comfort woman' statues backfires*. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2019/08/135_273444.html.

²⁰ Os trabalhadores forçados coreanos foram vítimas da ocupação japonesa da Península Coreana durante a Segunda Guerra Mundial. Atualmente, o governo coreano tentou estabilizar a situação das famílias vítimas do trabalho forçado, porém, o Japão negou as possibilidades de negociação. Ver: SEUNG-WOO, K. *Migrant groups join 'Boycott Japan' campaign*. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/08/113_273568.html.

²¹ *The row began after South Korea's Supreme Court rulings last year that Japanese firms should compensate forced labor victims. Japan has vehemently protested the decisions, arguing all reparation issues stemming from its 1910-45 colonial rule of Korea were settled under a 1965*

Os negacionismos e revisões sobre a Segunda Guerra Mundial são geradores de conflitos na atualidade. Frutos de espaços de experiências e horizontes de expectativas, projetam tomadas de atitude do Estado japonês enquanto aos seus vizinhos, vitimizados durante a Segunda Guerra.

Pautados em um discurso histórico de que as anexações e ocupações não foram resultados de uma guerra de agressão, os japoneses prosseguem por nutrir condutas opressoras, em consonância com ideais anteriores à guerra, que são: pureza, distinção étnica e cultural, grandeza política, desenvolvimento tecnológico e imparidade histórica, solapadora de tudo o que não é considerado essencialmente japonês.

Considerações finais

Este estudo teve como fundamento levantar os questionamentos sobre as interpretações históricas japonesas em relação a Segunda Guerra Mundial e seu desfecho. Para tanto, as escolhas consideradas neste artigo tiveram a intenção de mostrar a complexidade das leituras, assim como uma possibilidade de compreensão dessas contribuições para com a atualidade.

Utilizar a produção de Reinhart Koselleck foi intenção deste estudo, percebendo como os Estados nacionais se apropriam da História gerando uma interpretação de passado, a partir de seu espaço de experiência, projetando um horizonte de expectativas.

Não é objetivo deste artigo ser finalizado em si mesmo. As questões sobre o nacionalismo japonês do pós-guerra, assim como as relações com os Aliados e seus desdobramentos para o desenvolvimento tecnológico japonês, permanecem em voga. Neste quesito, é cabível a reflexão de até que ponto as negações sobre o passado expansionista não foram frutos das alianças

accord that normalized bilateral ties. Korea Times. Japan approves bill removing Korea from list of trusted trading partners. Publicado em 02/08/2019. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/08/120_273278.html.

entre Japão e Estados Unidos durante a Guerra Fria. Ademais, cabe-se questionar por que a memória sobre as bombas de Hiroshima e Nagasaki são mais evidentemente evocadas, inclusive na indústria cultural, enquanto ao celeuma das Mulheres de Conforto e crimes na Manchúria?

Sem a pretensão de encerrar com as questões acima, é necessário se pensar em que medida, historicamente, elevamos a presença do Japão dentre as Potências do Eixo? Os estudos sobre as especificidades nacionalistas japonesas merecem ser desassociados de estudos sobre nazismo e fascismo ou podem ser analisados pelos mesmos vieses? Dissociar os estudos sobre a História do Japão do século XX dessas demais ideologias, não seria permitir a perpetuação de equívocos históricos de cunhagem igualmente negacionistas?

Enquanto longos estudos pretendem discutir a Segunda Guerra Mundial pela perspectiva Ocidental, o Extremo Oriente ainda demonstra a obscuridade de pontos não elucidados, cujas sombras se fazem no mundo contemporâneo. A ocultação dessas discussões, negam as opressões de minorias étnicas e da memória de outros presentes em um espaço de experiência amplo e mal elucidado.

REFERÊNCIAS

Fontes

CIPRIANO, Rita. *Yukio Mishima, o escritor que sonhou com a morte*. Observador, 2019. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/yukio-mishima-o-escritor-que-sonhou-com-a-morte>. Acesso em: 08/02/2021.

HAE-MYOUNG, Jung. Japan's removal of 'comfort woman' statue backfires. *The Korea Times*, 2019. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2019/08/135_273444.html. Acesso em: 08/02/2021.

Japan approves Bill removing Korea from list of trusted trading partners. *The Korea Times*, 2019. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/08/120_273278.html. Acesso em: 08/02/2021.

KI-PYOK, C. Political Thought behind Korean Nationalism. *Korea Journal*, n . 4, 1976, p. 4-20.

March First Movement Korean History. *Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Korea/Division-of-Korea>. Acesso em: 08/02/2021.

SEUNG-WOO, Kang. Migrant groups join 'Boycott Japan' campaign. *The Korea Times*, 2019. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/08/113_273568.html. Acesso em: 08/02/2021.

Bibliografia

DREA, E. *Researching Japanese War Crimes Records Introductory Essays*. Washington: National Archives and Records Administration for the Nazi War Crimes and Japanese Imperial Government Records Interagency Working Group, 2006.

DOWER, John W. *Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War II*. Nova Iorque: W.W. Norton & Co, 1999.

KATO, Shuichi. *Tempo e espaço na cultura japonesa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

MORI, K. et al. *A verdade sobre a Guerra do Pacífico: Por que o Japão lutou contra os Estados Unidos*. 1º Edição. São Paulo: Editora Jornalística União Nikkey LTDA, 2015.

PEREIRA, R P.; SUZUKI, T. (orgs). *O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa*. 3º Edição. Campinas: Pontes, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

SILVA, G. J., "Historicidade, memória e escrita da História: Augusto e o culto della romanità durante o ventennio fascista". *Romanitas*, n. 12, 2018.

Artigo recebido em 05/12/2020 e aprovado em 09/02/2021.